

## CASA NOVA

Um presidente da Câmara dos Deputados que fala sobre os mais variados temas, como a redução da maioria penal, homofobia e o governo de Dilma Rousseff, e que também mostra uma faceta não muito propagada na mídia, a de baterista. Eduardo Cunha arriscou, ao vivo dos estúdios da Rede TV!, a música “Black Dog”, da banda Led Zeppelin.

Ainda nesta mesma atração, a reportagem foi até o interior de São Paulo conversar com um dos principais locutores de rodeio do Brasil, Asa Branca, que contou sobre a doença que quase o matou e sobre a retomada na carreira. Para finalizar com toque musical, o grupo Demônios da Garoa embalou o clássico “Trem das Onze”. O “Mariana Godoy Entrevista” estreou em maio dando continuidade ao investimento da emissora em jornalismo e revelando uma Mariana Godoy além das bancadas.

“Faz muito tempo que não tenho essa energia de começo, essa coisa de botar a mão na massa e fazer tudo”, conta em entrevista à IMPRENSA. De tudo mesmo. Nesse mesmo dia, havia chegado cedo para editar a reportagem que entraria no programa da semana. Já no caminho para o ensaio de fotos, checava o andamento das pautas

**APÓS 23 ANOS ENTRE GLOBO E GLOBONEWS, A JORNALISTA MARIANA GODOY PULA DAS BANCADAS PARA ABRAÇAR UM TALK SHOW JORNALÍSTICO, COM SEU NOME, NA REDE TV!**

**POR GABRIELA FERIGATO**  
SUBEDITORA DE REVISTA

**FOTOS: ALF RIBEIRO**

com a equipe e pulou de felicidade, literalmente, quando soube que conseguiriam trazer para tocar, ao vivo, uma artista que ganhou destaque no mercado Ver-o-Peso, em Belém do Pará: a cantora Gina Lobrista.

Após 23 anos entre Globo e GloboNews, onde comandava o “Jornal das Dez”, Mariana optou por deixar a emissora em outubro do ano passado, às vésperas do segundo turno das eleições presidenciais. No bolo de convites recebidos logo após a notícia, estava o de Franz Vacek, superintendente de jornalismo da Rede TV!, para um almoço. Lá no fim, na sobremesa, veio a deixa: “mas você nunca pensou em um *talk show*?”. “Até esse exato minuto não. Agora estou pensando”, disse ao Franz, à época.

Bateram o martelo em dezembro do ano passado. “Recebi uma mensagem no Twitter dizendo que eu não combinava com a Rede TV!. Não costumo responder, mas dessa vez respondi. “Em que outro momento você me viu como Trending Topics em São Paulo, em quinto lugar no Brasil e em 104º no mundo? É evidente que aqui é o meu lugar. É aqui que eu estou fazendo. Foi aqui que o Eduardo Cunha tocou bateria. Não consigo imaginar tamanha liberdade para fazer um negócio tão bacana em outro lugar.”





TODO DIA É DIFERENTE NO JORNALISMO, MAS ISSO SE VOCÊ SAI PARA A RUA. FICAR ATRÁS DE UMA BANCADA, TODOS OS DIAS, ACABA FICANDO MUITO PARECIDO

**IMPRENSA – FORAM 23 ANOS DE GLOBO, QUAL FOI O FATOR DECISIVO PARA DEIXAR A EMISSORA?**

**Mariana Godoy** - O que pesou mais foi a decisão de voltar para São Paulo. Estava há três anos com o casamento na ponte aérea. Eu no Rio de Janeiro, e o meu marido [Dalcides Biscalquin] em São Paulo, na Rede Vida. Antes havia uma previsão de investimento da GloboNews em São Paulo, mas foi cortado. Primeiro pensei que poderia tirar um ano sabático, depois ver o que faria. Estava decidindo com tranquilidade, conversando com outras emissoras. Logo comecei a receber alguns convites, entre eles o do Franz Vacek [superintendente de jornalismo da Rede TV!] para um almoço. Logo de cara me deparei com uma estrutura incrível, mas só no fim, na sobremesa, ele disse “você nunca pensou em [fazer] um *talk show*?”. Respondi: “até esse exato minuto não. Agora estou”.

**A IDEIA DE FAZER ALGO TOTALMENTE DIFERENTE DO QUE JÁ FEZ EM SUA CARREIRA FOI O QUE PESOU MAIS?**

Aí não deu para pensar em voltar a fazer qualquer outra coisa. Porque talvez uma hora você enjoje do que faz, e não é um enjoar de “não dá mais para fazer”, dá para fazer sempre. Todo dia é diferente no jornalismo, mas isso se você sai para a rua. Ficar atrás de uma bancada, todos os dias, acaba ficando muito parecido. E o repórter é quem se diverte. Quando a empresa é grande como a TV Globo, e há centenas de pessoas para fazer reportagens, se você caiu atrás da bancada, não sai mais. O público se

acostuma e exige sua presença. Foi muito bom ter saído da Globo e ter ido para a GloboNews, principalmente em um momento tão vibrante. Mas foi mais legal ainda ter vindo para a Rede TV!.

**A EMISSORA CREDITA O PROGRAMA COMO UM NOVO CONCEITO DE TALK SHOW JORNALÍSTICO. O QUE ELE TRAZ DE NOVO PARA A TELEVISÃO?**

A única orientação foi fazer diferente. Primeiro, é ao vivo. Também tem reportagens de rua, com um pouco de cada coisa. Gosto muito de política e acho que falta uma maneira mais simples de comunicar algumas decisões políticas para o grande público. Isso é tevê aberta, não estou fazendo programa para os colegas. Quero falar com as pessoas e fazer com que elas entendam a diferença e como interage o Legislativo, Executivo e Judiciário. Por que a “PEC da Bengala” é uma derrota para a Dilma [Rousseff]? Por que ela não vai poder indicar cinco ministros para o Judiciário? E por que isso seria uma vitória? É colocar sementinhas de raciocínio político.

**COMO DEIXOU A ATRAÇÃO COM A SUA CARA?**

É a minha cara fazer ao vivo. Já fizemos várias reportagens e são coisas que queria fazer, mas não podia. Ou que fiz só um pedacinho, porque não tinha tempo. Gosto de arte, história, cultura. São coisas que me interessam e quero dividir, compartilhar. Na próxima edição [15/5], vou mostrar uma igreja barroca de uma ordem

terceira, construída por leigos. Ninguém conhece e fica ao lado de uma igreja superfamosa. É inteira de ouro e o teto é igual ao da Capela Sistina. À época, para não pagar o quinto, imposto para a Coroa portuguesa, as pessoas investiam em igreja. São coisas que no jornal não dá tempo de mostrar. O “Jornal Nacional” tem tempo para isso? Tem tanta coisa ruim acontecendo.

#### A TEMÁTICA POLÍTICA SERÁ PREDOMINANTE?

Gostaria que fosse. É muito importante, mas será na medida em que a tevê aberta consiga digerir. E consegue. O telespectador é exigente, gosta de um produto bem feito. Temos de debater tudo e, com muita delicadeza, tocar em todos os pontos. Porque você vê que o povo brasileiro ficou distante do debate e, quando viram, era tarde. Agora tem de entrar gritando. Acho um processo interessante o que o País vive hoje. Há de se ter um pouco de paciência com o Brasil. Não quero que a gente fique valorizando esse sentimento de brasileiro “coitadinho”. Estamos caminhando e, às vezes, é um passo para frente e dois para trás.

#### COMO VOCÊ AVALIA O INVESTIMENTO DA REDE TV!, ESPECIALMENTE DURANTE A GESTÃO DO FRANZ VA-CEK, NO JORNALISMO?

Não parou ainda. Achei incrível. Sabia que ia fazer parte de um processo de mudança e achei até que ia ser mais lento, mas está muito rápido. Só agora já tivemos quatro estreias. Existe o planejamento, mas é assim, e já vai fazendo. Isso só em uma emissora menor dá pra fazer. Não tem tanta burocracia, aquela espera. Você pode fazer outras coisas. É evidente que o meu lugar é aqui. Foi aqui que o Eduardo Cunha tocou bateria. Não consigo imaginar tamanha liberdade para fazer um negócio tão bacana em outro lugar.

#### EXATAMENTE SOBRE ESSA QUESTÃO, VOCÊ PRETENDE TRAZER UMA DOSE DE ENTRETENIMENTO AO SEU PROGRAMA?

O que é jornalismo puro? É aquilo que quase começou a fechar, mas aí reabriu. Em minha opinião, o jornalismo tem um papel. E eu não me importo de exercer a função mesclando com entretenimento. Não me importo mesmo, não tenho preconceito nenhum. Ainda mais na televisão.

#### COMO É A SUA RELAÇÃO COM A AUDIÊNCIA? É UMA PREOCUPAÇÃO CONSTANTE?

Nenhuma. A audiência já é muito maior na tevê aberta do que eu tinha na GloboNews. Uma

pessoa que se preocupa com audiência não faz tevê a cabo, começa por aí. Minha preocupação é com a qualidade, sempre vai ser. O que conseguimos na estreia foi pegar um número, manter e subir. Então está ótimo. Televisão é hábito, vamos formar um hábito.

#### COM ENTREVISTADOS DO MUNDO POLÍTICO, COMO EDUARDO CUNHA, COMO VOCÊ LIDA COM CRÍTICAS EM TEMPOS DE FLA-FLU POLÍTICO NO BRASIL?

As pessoas, durante o programa, podem mandar perguntas e são ouvidas. Li uma mensagem de um telespectador dizendo “posso perguntar o que eu quiser?”. Respondi, “se você não for grosseiro, pode”. Acho que as pessoas se manifestam de forma mais “violenta” em seus perfis. Quando é para se expor para outras pessoas, não. Em seu perfil ela expressa o ódio, mas para mandar para a televisão, por exemplo, não se expõe tanto.

#### OS CRIMES DE ÓDIO DISPARARAM NAS ELEIÇÕES PASSADAS NAS REDES SOCIAIS. COMO VOCÊ AVALIA ESSE FENÔMENO E QUAL USO FAZ DAS REDES?

Na Globo a gente não podia se manifestar com opinião, é uma política da empresa. E você sempre representa a empresa que está. Eu era bem mais contida, mas tudo que for muito radical acho bobagem. Eu nunca ataco essas bobagens. O meu jeito não é agressivo, e sim compreensivo. Quero realmente entender. Quando vejo alguém agressivo nas redes, faço perguntas que levem a pessoa a indagar a própria agressividade. Nunca digo para alguém “você está errado”.

#### MAS VOCÊ CHEGA A SE POSICIONAR SOBRE ASSUNTOS MAIS POLÊMICOS NAS SUAS REDES SOCIAIS?

Mas quem sou eu? Eu vou ouvir as pessoas que são contra e as que são a favor. O papel do jornalista é ser ponte, não fonte. Eu procuro enxergar um quadro maior em alguma notícia, procuro ver o que provocou isso. Em vez de simplesmente reagir a ela, mas tem gente que apenas reage.

#### HÁ PROFISSIONAIS NA IMPRENSA QUE SE POSICIONAM DE FORMA FIRME, OU ATÉ RADICAL, SOBRE DETERMINADOS ASSUNTOS. QUAL O LIMITE DA OPINIÃO DENTRO DO JORNALISMO?

Quem estabelece o limite é a própria emissora em que o profissional trabalha. Pessoalmente cada um tem o seu bom senso, as pessoas são criteriosas ou não. Decidem se expor de um jeito ou de outro. Existe espaço e público para isso. Tem público que consome opinião, eu não sou

PORQUE VOCÊ VÊ QUE O POVO BRASILEIRO FICOU DISTANTE DO DEBATE E, QUANDO VIRAM, ERA TARDE. AGORA TEM DE ENTRAR GRITANDO



DESEJO MAIS  
CINQUENTA ANOS  
DE SUCESSO  
PARA ELES, MAS  
AGORA ESTOU  
ENVOLVIDA  
COM UMA  
ADOLESCENTE,  
UMA JOVENZINHA

esse público. Não tenho perfil de dar opinião de maneira tão contundente, mas sou a favor da liberdade, para quem quiser.

E QUAL O LIMITE QUE UM JORNALISTA DEVE TER EM  
RELAÇÃO AO ENVOLVIMENTO COM A PAUTA?

A orientação que sempre recebi é não interferir na matéria. A Ananda Apple, por exemplo, fez uma campanha para uma família que teve a casa destruída. Todo mundo participou e conseguiram reconstruir a casa. Já a Oprah [Winfrey] decidiu criar uma escola para meninas na África, mas no caminho as meninas estavam sendo violentadas, porque estavam indo para aquela escola. Aquela interferência causou uma reação. Outro exemplo, um jornalista, no meio de uma guerra, pegou água de sua própria mochila e deu para um menino. O menino apanhou e roubaram sua água. Existe isso quando a interferência provoca uma reação. Acho que aqui, no Brasil, conseguimos ter mais sensibilidade e ajudar, sem que se crie uma reação negativa.

VOCÊ DEIXOU A GLOBONEWS ÀS VÉSPERAS DAS  
ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS MAIS ACIRRADAS DA  
HISTÓRIA DO BRASIL. NÃO FICA UMA SENSÇÃO DE  
ESTAR À PARTE DA HISTÓRIA, ACOMPANHANDO COMO  
TELESPECTADORA?

Não, logo fui correndo para votar em São Paulo. Estava conversando com o Ali Kamel [diretor-geral de jornalismo e esportes da Globo], e achamos que se eu já tinha tomado a decisão, esperar mais por quê? Aí você marca muito a imagem. Um evento como esse é muito emblemático, a ideia é sair e ir deixando o sucessor aparecer. Eu sou tão questionadora, mas não poderia ques-

tionar nada. Fiz coberturas bem legais na GloboNews. Fizemos ao vivo as manifestações de junho de 2013. Mas como apresentadora, você fica limitada. São muitas orientações. E quanto mais acirrada for a eleição, mais limitação. Para mim, não ia fazer diferença.

COMO FICOU SUA RELAÇÃO COM O GRUPO GLOBO E  
OS COLEGAS DA EMISSORA?

Ótima. Recebi e-mails do Ali Kamel, do Schroder [Carlos Henrique Schroder]. Tenho muito carinho pela TV Globo e por todo mundo que trabalhou lá comigo. Câmeras, maquiadores, operadores de VT, editores, telefonistas. Por ser uma empresa tão grande e gigantesca, qualquer mudança demora. Desejo mais cinquenta anos de sucesso para eles, mas agora estou envolvida com uma adolescente, uma jovenzinha.

VOCÊ TEM UMA HISTÓRIA PESSOAL INTERESSANTE,  
CASADA COM UM EX-PADRE QUE TEM PROJEÇÃO NA  
MÍDIA CATÓLICA. EM ALGUM MOMENTO VOCÊ TEMEU  
QUE ESSA ESCOLHA RESPINGASSE DE ALGUMA  
FORMA EM SUA CARREIRA?

Eu não ligo para o que não tem importância. Acha que vou basear meu relacionamento, minha decisão pessoal, por que pode ter alguma interferência? Não, de jeito nenhum. Que é diferente, é. É diferente quando uma jornalista casa com o rei da Espanha. Então é “Viva a Letizia”. É diferente quando casa com um padre, natural. Meu marido não foi o primeiro padre a pedir dispensa para casar. Foi um processo e foi feito da maneira em que a Igreja Católica aprova, discretamente. A verdade é que as pessoas gostam da nossa história de amor. **I**